

A interação deste artigo, com a literatura existente em português (bem maior que uma década atrás), particularmente com o breve mas provocativo comentário de Milton Schwantes³⁰ deve levar o leitor a investigar mais a fundo esse pequeno grande livro de Ageu. Com essa expectativa este artigo foi escrito e publicado.

A IMPORTÂNCIA DA TEOLOGIA BÍBLICA

Luiz Alberto Teixeira Sayão *

Quando se ouve falar de *Teologia Bíblica* nem sempre fica claro a que exatamente a expressão se refere. Alguns entendem que a expressão diz respeito à teologia de acordo com a Bíblia, em oposição a uma teologia herética. Outros imaginam que a referência é a uma teologia que está baseada nas Escrituras. Nenhuma dessas sugestões é correta. A Teologia Bíblica define-se a partir de sua distinção em relação à Teologia Sistemática e à História das Religiões. A proposta fundamental da Teologia Bíblica é construir uma teologia a partir das Escrituras, indutivamente, sem depender de categorias definidas pela Sistemática ou pela Dogmática. Para uma descrição objetiva dessa distinção vejamos o seguinte quadro:

ABORDAGEM	Fonte dos Dados	Metodologia	Hermenêutica
Teologia Bíblica	Cânon	Exegética e Teológica Organização: Conceitual, Tópica e Histórica.	Descritiva e Normativa
Teologia Sistemática	Escrituras, Tradição Histórica, Razão e Experiência Humana.	Teológica e Filosófica. Organização sistemática e lógica.	Normativa e Construtiva
História da Religião	Escrituras, documentos de outras religiões, literatura e arqueologia.	Fenomenológica e Histórica: Organização: Cronológica e Genética.	Descritiva

³⁰ A ênfase libertária e o tema constante da luta de classes na obra de Schwantes devem ser avaliados por leitores de posição mais conservadora, pois podem apontar para um aspecto normalmente negligenciado por estes na análise das violações da aliança nos profetas pós-exílicos (e, de resto, em todo o Antigo Testamento). Por outro lado, atribuir apenas a problemas materiais a pobreza e privação das classes camponesas em Judá (como implica a obra de Schwantes) é ignorar a dimensão vertical da aliança.

* Luiz Alberto Teixeira Sayão, Mestre em Linguística (Hebraico) pela USP, é professor de Hebraico e de Antigo Testamento no Seminário Teológico Servo de Cristo, em São Paulo (SP). Foi coordenador da Nova Versão Internacional da Bíblia (NVI) e é atualmente editor acadêmico de Edições Vida Nova.

Como podemos observar, a Teologia Bíblica parte unicamente das Escrituras e prescinde a filosofia e a teologia sistemática, organizando os dados bíblicos a partir da lógica interna do pensamento bíblico. É essencialmente descritiva, mas pode também tornar-se normativa quando pergunta qual o valor do texto bíblico para o intérprete de hoje. Um exemplo prático da diferença de abordagem entre as duas pode ser percebido no campo da escatologia. Enquanto a teologia bíblica discute as tensões bíblicas entre o “já” e o “ainda não” do Reino de Deus (escatologia realizada/escatologia futura), a teologia sistemática evangélica se detém em divisões como pré-milenismo, pós-milenismo, amilenismo, pré-tribulacionismo, etc.

RESUMO HISTÓRICO

As raízes da teologia bíblica estão na Reforma Protestante. O ponto de partida protestante *Sola Scriptura* lançou a semente para a teologia exegética, buscando livrar-se da Dogmática Eclesiástica. Os comentários de Calvino são os primeiros exemplos de uma exegese bíblica histórico-gramatical, que estabelecia os primórdios da futura teologia bíblica. Todavia, a maioria dos estudiosos define o início do moderno estudo da teologia bíblica, a partir da palestra inaugural do professor Johann Philipp Gabler na Universidade de Altdorf em 1787. Antes de Gabler não havia uma distinção entre teologia dogmática e bíblica. Não havia separação entre teologia do Novo Testamento e teologia do Antigo Testamento. Gabler defendia essas distinções. Mesmo que nunca tenha escrito uma teologia do AT, foi ele quem estabeleceu os princípios básicos e o método pelos quais seria possível escrever uma teologia bíblica do AT. A base do estudioso alemão era racionalista, e sobre tais fundamentos é que surgem os primórdios da teologia bíblica. Apesar dessa influência filosófica da época, nítida em estudiosos como G. L. Bauer, de Wette e F. C. Baur, alguns estudiosos adotaram uma linha mais evangélica e menos racionalista. Entre eles devem ser mencionados E. W. Hengstenberg, F. Delitzsch e G. F. Oehler.

Entre 1880 e 1930 a incipiente teologia bíblica perdeu espaço para os estudos da história da religião. As novas tendências filosóficas, aliadas à curiosidade européia para com os costumes e idéias religiosas de outros povos fomentou uma interpretação da fé bíblica dentro de um contexto religioso universal. A fé de Israel e do cristianismo foram vistas sob parâmetros evolucionários e à luz da comparação com as outras religiões conhecidas.

Somente depois da década de 1930 foi que ressurgiu o interesse pela teologia bíblica. Tal efervescência durou até os anos 70. Muitos nomes de

peso surgem no campo do Antigo e do Novo Testamento, tais como O.Eissfeldt, W.Eichrodt, G.von Rad, B.Childs, C.Westermann, W.C.Kaiser, S.Terrien, W.Brueggemann, R.Bultmann, H.Conzelmann, E.Käsemann, H.J.Kraus, K.H.Schelkle, J.Jeremias, G.E.Ladd e D.Guthrie, e tornaram-se marcas na teologia bíblica principalmente entre as décadas de 30 a 70. Além disso, muito da teologia contemporânea interagiu mais com o pensamento bíblico e estabeleceu modelos sistemáticos de teologia menos presos a categorias filosóficas clássicas. Merecem destaque especial os nomes de K. Barth, W. Pannenberg e Oscar Cullmann. Nas últimas décadas a teologia bíblica continuou viva, mas enfrentou dificuldades, e alguns crêem que esteja em grande crise. Para entendermos melhor seus caminhos, é preciso destacar suas principais tarefas.

A TAREFA DA TEOLOGIA BÍBLICA

Conforme já sugerido, a tarefa da teologia bíblica é fazer uma teologia a partir do texto, elaborando uma espécie de “macro-exegese”, procurando metodologicamente isentar-se de leituras confessionais e filosóficas *a priori*. Todavia, uma teologia bíblica séria deverá enfrentar algumas questões importantes das quais não poderá omitir-se:

1. Teologia descritiva ou normativa.

Qual é o papel da teologia bíblica? Detectar os conceitos teológicos dos autores bíblicos? Ou deve definir normas ético-religiosas a partir da experiência histórica e teológica da comunidade da fé? Um aspecto exclui o outro? É possível manter a tensão entre as duas ênfases?

2. A Relação entre os Testamentos.

Pode existir uma teologia do AT, independente do Novo Testamento? Será que a teologia do AT é uma disciplina exclusivamente cristã? Existirá uma teologia do AT judaica? Que tipo de relação existe entre os dois Testamentos? Continuidade ou Descontinuidade? Como trabalhar a unidade da mensagem bíblica, sem desvalorizar o AT e sem uma “cristianização” exagerada do mesmo? Todas essas perguntas são inescapáveis e merecem atenção do teólogo bíblico.

3. Abordagem diacrônica ou sincrônica.

Muitas teologias parecem considerar o texto bíblico homogêneo e uniforme. Será que é possível fazer teologia bíblica sem considerar a história e

algum tipo de desenvolvimento teológico nas Escrituras? É verdade que o historicismo do século XIX e sua postura evolutiva trouxe um trauma para muitos estudiosos da Bíblia. No entanto, ainda que seja árduo lidar com o papel da história na teologia, cremos ser impossível fazer uma boa teologia, sem considerá-la adequadamente, conforme bem observou Oscar Cullmann.

4. Relação com a autoridade da Bíblia.

Por mais isenta que seja uma teologia bíblica, não poderá deixar de trabalhar com pressupostos. Um dos mais relevantes é o ponto de partida para com a própria Bíblia. Devemos praticar uma hermenêutica de suspeita para com o texto? Ou devemos interpretar o texto sagrado de maneira afirmativa, numa relação de empatia para com o mesmo. Quando um outro referencial externo explícito comanda a hermenêutica das Escrituras dificilmente poderá construir-se uma teologia bíblica que faça justiça ao texto.

5. Unidade e diversidade.

Será que é possível achar um centro de organização de uma teologia da Bíblia, ou do AT e do NT? Será que o conceito de aliança, de promessa ou de ação divina na história são adequados para organizar o material bíblico? Seria tal abordagem forçada, pelo fato de existirem vários centros de organização do texto? Essa é uma questão difícil! Além disso, a diversidade presente nas Escrituras levanta outra questão: Existe uma teologia bíblica (ou do AT/NT) ou existem várias teologias? É bem conhecido o fato de que os teólogos liberais levaram a diversidade teológica bíblica às últimas conseqüências. Por outro lado, alguns fundamentalistas têm visto a unidade a partir de lentes mais sistemáticas e filosóficas do que bíblicas. Como deve ser trabalhada essa relação? Aí está um grande dilema ainda aberto para a discussão dos estudiosos.

6. Teologia canônica ou não-canônica.

Por mais simples que possa parecer essa questão, ela merece muita atenção. Já que temos acesso a material religioso da fé de Israel e da igreja primitiva, devemos perguntar se uma teologia bíblica deve fazer referência a esse material. Por outro lado, já que se trata de uma teologia construída dentro da comunidade da fé, a igreja, deve se perguntar se os parâmetros da dogmática cristã e esse fator devem restringir a teologia a uma abordagem canônica.

7. Relação com a sistemática.

Uma vez construída uma teologia bíblica, chegará ela a algum lugar sem uma relação com a sistemática? É possível construir uma teologia bíblica sem cair na fragmentação muitas vezes acéfala? Que tipo de relação deve se manter entre as duas abordagens? Doutrinas cardeais e essenciais da fé como a Trindade teriam relevância significativa numa teologia bíblica? Com certeza o diálogo é fundamental e necessário, para que as duas abordagens se completem.